

# A recuperação econômica e a desconcentração de mercado da indústria têxtil paulista durante a Grande Depressão: 1928/37\*

JOSÉ ROBERTO MENDONÇA DE BARROS\*\*

DOUGLAS H. GRAHAM\*\*\*

*Na década de 30, a indústria têxtil ainda era o mais importante setor industrial do Brasil. Sua rápida recuperação, a grande absorção de mão-de-obra e o padrão de desconcentração por que passou o setor em São Paulo ajudam a entender o comportamento do setor industrial durante a Grande Depressão.*

## 1 — Introdução

A década de 30 foi um período crucial na história da industrialização brasileira.<sup>1</sup> Antes disso, já havia ocorrido algum crescimento industrial, como um subproduto do crescimento do mercado interno, induzido pela expansão das exportações. Nunca houve qualquer

\* Os autores agradecem a Simão Silber, Paulo Neuhaus, Wilson Suzigan e, especialmente, a Flávio Versiani e Wilson Cano por seus inúmeros comentários e sugestões a uma versão preliminar deste trabalho. Paula Golubic auxiliou na organização dos dados. Deve ser mencionado, entretanto, que os erros porventura remanescentes são da nossa exclusiva responsabilidade e que a interpretação aqui apresentada não expressa necessariamente aquela dos colegas acima citados.

\*\* Do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo.

\*\*\* Do Department of Agricultural Economics and Rural Sociology da Ohio State University.

<sup>1</sup> Um grande número de estudos analisa a política econômica e as características do crescimento industrial do Brasil durante a década de 30. Entre as referências relevantes, destacam-se: Werner Baer e Annibal Villela, "Industrial

política deliberada de apoio ao desenvolvimento da indústria através de medidas protecionistas explícitas, como ocorreu no início da história industrial de muitas nações desenvolvidas. Naquela época, os recursos governamentais brasileiros estavam destinados a promover as exportações, construir a infra-estrutura necessária para as vendas externas ou então financiar os custosos esquemas de valorização do café. Tarifas baixas para moderadas, orçamentos equilibrados, austeridade monetária e mercados livres de divisas freqüentemente solapavam pela base qualquer apoio a longo prazo para as atividades industriais, que, para serem bem-sucedidas, necessitavam de algum tipo de proteção, mantida durante um determinado espaço de tempo. Isto se devia basicamente à valorização das taxas de câmbio, como resultado das políticas de estabilização que faziam parte dos inúmeros esquemas de valorização do café. Na fase ascendente dos ciclos cafeeiros, essas políticas de estabilização/valorização diminuíam os

Growth and Industrialization: Revision in the Stages of Brazil's Economic Growth", in *The Journal of Developing Areas*, vol. 7, n.º 2 (janeiro de 1973), pp. 217-234; Antonio Barros de Castro, *7 Ensaio sobre a Economia Brasileira* (São Paulo, 1971); Eli Diniz Cerqueira e Renato Boschi, "Magnitude das Empresas e Diferenciação da Estrutura Industrial: Caracterização da Indústria Paulista na Década de 30", in *Dados*, n.º 14 (1977), pp. 60-84; Warren Dean, *The Industrialization of São Paulo - 1890-1945* (Austin: The University of Texas Press, 1966); Albert Fishlow, "Origins and Consequences of Import Substitution in Brazil", in Luiz Eugenio Di Marco (ed.), *International Economics and Development: Essays in Honor of Raul Prebisch* (Nova York: Academic Press, 1972); Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* (São Paulo: Fundo de Cultura, 1962); Carlos M. Peláez, "A Balança Comercial, a Grande Depressão e a Industrialização Brasileira", in *Revista Brasileira de Economia*, vol. 22, n.º 1 (janeiro/março de 1968), pp. 15-47; Carlos M. Peláez, "Acerca da Política Governamental, da Grande Depressão e a Industrialização no Brasil", in *Revista Brasileira de Economia*, vol. 23, n.º 3 (julho/setembro de 1969), pp. 77-87; Simão Silber, "Análise da Política Econômica e do Comportamento da Economia Brasileira durante o Período 1929/1939", in Flávio R. Versiani e J. R. Mendonça de Barros (eds.), *Formação Econômica do Brasil: A Experiência da Industrialização*, Série ANPEC de Leituras de Economia (Saraiva, 1977); Wilson Suzigan, "A Industrialização de São Paulo, 1930-1945", in *Revista Brasileira de Economia*, vol. 25, n.º 2 (abril/junho de 1971); Annibal Villanova Villela e Wilson Suzigan, *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira: 1889-1945*, Série Monográfica (Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1973), n.º 10; e Wilson Cano, *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo* (São Paulo: Ed. Difel, 1977).

custos de importação e reduziam a proteção à atividade manufatureira local.<sup>2</sup> As oscilações cíclicas bruscas, ocorridas entre políticas e condições de inflação e deflação, eram provavelmente mais prejudiciais para o desenvolvimento contínuo da indústria do que as próprias políticas conservadoras e ortodoxas.

No entanto, dentro desse cenário, foi o setor têxtil um dos poucos a se ajustar suficientemente às condições e às políticas econômicas instáveis anteriores a 1930, desenvolvendo uma expressiva capacidade de produção.<sup>3</sup> De 1880 até a I Guerra Mundial, a produção têxtil cresceu de forma substancial, principalmente entre 1895 e 1899 e nos anos que antecederam imediatamente o conflito mundial. As rápidas desvalorizações da taxa cambial tinham produzido uma proteção expressiva durante o período 1895/99, enquanto a produtividade crescente, as tarifas mais altas (visando essencialmente a elevar a receita do Tesouro), os salários baixos e o rápido crescimento da demanda resultante do *boom* cafeeiro foram os fatores que promoveram o crescimento têxtil no período que antecedeu a I Grande Guerra<sup>4</sup> (mesmo nos anos do conflito houve retornos lucrativos

<sup>2</sup> Sobre estes e outros assuntos correlatos, ver: Flávio R. Versiani e Maria Tereza R. O. Versiani, "A Industrialização Brasileira antes de 1930: Uma Contribuição", in *Estudos Econômicos*, vol. 5 (1975), pp. 37-63; Antônio Delfim Netto, *O Problema do Café no Brasil* (Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1959); e Flávio R. Versiani, "Industrial Investment in an 'Export' Economy: The Brazilian Experience before 1914", in *Institute of Latin American Studies* (University of London, abril de 1979), Working Paper 2 (versão portuguesa: *Revista Brasileira de Economia*, janeiro/março de 1980).

<sup>3</sup> O estudo clássico sobre a indústria têxtil no Brasil é o de Stanley Stein, *The Brazilian Cotton Manufacture* (Cambridge: Harvard University Press, 1957), o qual foi complementado pela rica contribuição de Versiani e Versiani, *op. cit.*, que revisaram a *performance* do setor até 1930. Para uma análise desta indústria em relação ao problema da mudança técnica, ver Flávio R. Versiani, "Industrialização e Emprego: O Problema da Reposição de Equipamentos", in *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 2, n.º 1 (junho de 1972), pp. 3-54, e, também, "Industrial Investment...", *op. cit.*

<sup>4</sup> Sobre a importância das desvalorizações cambiais para o estímulo da expansão industrial durante a década de 1890, ver Fishlow, *op. cit.*, pp. 313-320, e, para uma avaliação recente acerca da crescente importância das tarifas de 1900 a 1931, ver Versiani, "Industrial Investment...", *op. cit.*, pp. 18-22.

para a indústria têxtil, pela proteção advinda da falta de produtos importados). Os anos 20 presenciaram um declínio na produção, principalmente entre 1923 e 1930, mas já houvera um reequipamento suficiente de maquinário durante os anos subseqüentes à guerra, através da importação de bens de capital, o que proporcionou uma expressiva injeção de investimentos na indústria às vésperas da Grande Depressão.<sup>5</sup> A valorização da taxa cambial e a erosão da proteção alfandegária específica pela inflação na década de 20 afetaram os fabricantes locais de bens finais e, ao mesmo tempo, baratearam o custo da importação dos bens de capital para os produtores mais eficientes, que se aproveitaram claramente de tal conjuntura para reequipar suas firmas.

O presente trabalho estuda a experiência vivida por esse setor no período que vai de 1928 a 1937, a partir de dados da Secretaria de Agricultura, Comércio e Indústria do Estado de São Paulo. Ao focalizarmos a indústria têxtil, conseguimos obter uma importante visão do setor industrial como um todo, já que eram os têxteis a atividade industrial mais importante no Brasil. Ao escolhermos São Paulo, estamos investigando a região que apresentou o mais rápido desenvolvimento industrial da época. Ao nos concentrarmos na década de 30, temos a possibilidade de tirar algumas conclusões sobre o comportamento da indústria brasileira face a uma crise internacional, que implicou uma queda da exportação agrícola, o declínio drástico dos termos de comércio e a reestruturação da política econômica, gerada pelo impacto da Depressão na economia.

Resumindo, o rápido declínio na receita de exportação, que ocorreu de 1929 a 1935, gerou uma escassez aguda e prolongada de divisas. A indústria doméstica, graças às desvalorizações e aos controles cambiais, foi naturalmente protegida da competição das importações. Uma política fiscal expansionista não planejada contribuiu, no início da década de 30, para a recuperação econômica. O programa de defesa da produção cafeeira também desempenhou um papel posi-

<sup>5</sup> Versiani e Versiani, *op. cit.*, Fishlow, *op. cit.*, e Versiani, "Industrial Investment...", *op. cit.*, sugerem, de um lado, a importância da distinção entre crescimento da capacidade de produção (1905/13 e a primeira parte da década de 20) e, de outro, a expansão da produção através do uso crescente da capacidade ociosa (principalmente durante a I Grande Guerra).

tivo na manutenção da demanda global interna (após 1932) a um nível mais alto do que teria sido possível de outra forma.<sup>6</sup> O desempenho do setor têxtil nesse contexto diz muito a respeito da industrialização ocorrida na década de 30. A primeira parte deste artigo investiga a indústria têxtil paulista dentro do contexto nacional, a partir dos dados relativos aos Censos de 1920 e 1940, e a segunda estabelece o perfil cíclico de declínio e recuperação do setor durante a Grande Depressão, enquanto a terceira discute o comportamento dos seus principais subsetores ou ramos. Finalmente, a quarta parte analisa a relação entre o padrão de crescimento do setor e o processo de desconcentração industrial ocorrido durante o período estudado. Resumimos então os fatores que contribuíram para essa desconcentração da produção têxtil da época.

## 2 — O contexto nacional

A Tabela 1 mostra a mudança de peso dos dois maiores centros manufatureiros do Brasil durante o período 1920/40. Dados do censo industrial indicam que por volta de 1920 o Estado de São Paulo já havia emergido como o maior centro industrial brasileiro, sendo responsável por 33% do total da produção manufatureira e por 30% da força de trabalho industrial. O que nos interessa aqui,

<sup>6</sup> O impacto expansionista líquido das políticas fiscal e monetária e a questão do suposto aumento na demanda global resultante da política de proteção ao café estão entre os aspectos mais interessantes e controvertidos do modelo de crescimento industrial observado nos anos 30. Os principais autores que discutem essas questões são: Furtado, F. Shlow, Peláez, Silber e Villela e Suzigan (já mencionados na nota número 1). Sobre a questão do impacto expansionista líquido, dois pontos mostram-se pertinentes: primeiro, a política protetora do café, ao restringir a oferta para o mercado internacional, manteve mais elevado o preço mundial do produto do que teria sido em outras circunstâncias; e, segundo, as compras internas do café, que foi então destruído, provocaram uma expansão líquida dos meios de pagamento internos, visto que as linhas de crédito abertas para o programa de compra do café pelo Banco do Brasil foram significativamente maiores do que as parcelas conseguidas através de empréstimos externos e os recursos da taxa de exportação do programa. Sobre este ponto, ver Silber, *op. cit.*, pp. 187-197.

TABELA 1

*Participação da indústria têxtil no produto e no emprego do Estado e do País, em São Paulo e no Rio de Janeiro (Distrito Federal) — 1920 e 1940*

A — Produto e emprego no setor têxtil e na indústria manufatureira total de São Paulo e do Rio de Janeiro como percentagem do produto e do emprego no setor têxtil e na indústria do País

Regiões	Indústria Têxtil				Total da Indústria Manufatureira			
	1920		1940		1920		1940	
	Produto	Emprego	Produto	Emprego	Produto	Emprego	Produto	Emprego
São Paulo	37	31	61	43	33	30	45	37
Rio de Janeiro	17	17	8	10	22	20	17	14

B — Participação do setor têxtil no produto e no emprego da indústria manufatureira em São Paulo e no Rio de Janeiro

Regiões	Indústria Têxtil			
	1920		1940	
	Produto	Emprego	Produto	Emprego
São Paulo	31	38	31	33
Rio de Janeiro	21	31	11	20

FONTES: Dados do *Recenseamento Geral do Brasil-1920*, Vol. VI - Indústria - Tabelas XI, XXIX e XXIV (Rio de Janeiro, 1927), e *Recenseamento Geral do Brasil-1940* - Censo Industrial - Tabelas 3a e 16, para o Brasil, e Tabela 2, para São Paulo e Distrito Federal (Rio de Janeiro, 1950).

entretanto, é a continuação da mudança no crescimento relativo de São Paulo frente ao declínio do Rio de Janeiro no produto e no emprego total da indústria manufatureira durante as duas décadas seguintes. Este período entre guerras registra um crescimento acentuado na concentração regional do produto industrial em São Paulo, reforçando o padrão de crescimento regional já manifestado no pe-

riodo anterior a 1920, enquanto o Rio de Janeiro, por outro lado, sofre um declínio marcante.

Esse rápido crescimento da participação regional da indústria manufatureira paulista torna-se ainda mais evidente nos principais subsetores manufatureiros do período, principalmente nos têxteis. A Tabela 1 (parte A) mostra que houve uma crescente concentração regional da produção nacional de têxteis no Estado de São Paulo: em 1920, apenas 37% da produção têxtil nacional eram feitos nesse Estado e, por volta de 1940, esta parcela tinha atingido 61%, enquanto aquela referente ao Rio de Janeiro foi cortada pela metade (de 17 para 8%), refletindo uma queda subsetorial relativa (nos têxteis) que foi mais marcante do que o declínio total observado no Rio de Janeiro referente à parcela da produção manufatureira como um todo (de 22 para 17%). Resulta daí que o peso relativo do setor têxtil caiu substancialmente dentro do setor manufatureiro carioca, enquanto mantinha seu peso relativo na grande expansão regional verificada em São Paulo (Tabela 1, parte B).

Finalmente, a Tabela 2 focaliza a mudança nos diferenciais regionais de produtividade associados a essas variações nas parcelas da produção têxtil verificadas entre Rio de Janeiro e São Paulo. O total do produto relativo por trabalhador para o setor manufatureiro aumentou praticamente na mesma proporção em São Paulo e no Rio de Janeiro: de 1,10 para 1,21 e 1,22 (parte A). No entanto, o produto relativo por trabalhador no setor têxtil (comparado com a média nacional) aumentou consideravelmente em São Paulo, enquanto declinou no Rio de Janeiro, o mesmo ocorrendo com a produtividade relativa, que melhorou dentro do setor manufatureiro em São Paulo, mas caiu no Rio de Janeiro (Tabela 2, parte B).<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Para um excelente estudo sobre os fatores que se encontravam por trás da concentração geográfica do desenvolvimento industrial em São Paulo, ver Wilson Cano, *op. cit.* O aumento significativo no fornecimento de energia elétrica, a melhoria nos transportes e nas linhas de comunicação, o desenvolvimento prematuro de um grande mercado de mão-de-obra, a oferta elástica de gêneros alimentícios e matérias-primas industriais pela agricultura paulista, bem como o mais rápido crescimento da demanda no Estado, são alguns dos fatores de mudança e desenvolvimento que contribuíram para o crescimento da indústria têxtil paulista naquela época.

TABELA 2

*Índices de produto (relativo) por trabalhador no setor têxtil em São Paulo e no Rio de Janeiro — 1920 e 1940*

A — Produto por trabalhador (percentagem do produto/percentagem do emprego) no setor têxtil e no total da indústria manufatureira em São Paulo e no Rio de Janeiro em relação à média do País

Regiões	Setor Têxtil		Total da Indústria Manufatureira	
	1920	1940	1920	1940
São Paulo	1,19	1,42	1,10	1,22
Rio de Janeiro	1,00	0,80	1,10	1,21
Brasil	1,00	1,00	1,00	1,00

B — Produto por trabalhador no setor têxtil em relação ao total da indústria manufatureira de São Paulo e do Rio de Janeiro

	São Paulo		Rio de Janeiro	
	1920	1940	1920	1940
Setor Têxtil	0,81	0,94	0,68	0,55
Total da Indústria Manufatureira	1,00	1,00	1,00	1,00

FONTES: As mesmas da Tabela 1.

### 3 — O setor têxtil paulista e a Grande Depressão

#### 3.1 — O padrão cíclico

A discussão anterior estabeleceu os parâmetros de mudança entre os dados dos Censos de 1920 e 1940, mas não ofereceu uma visão clara do padrão de mudança ocorrido durante esse período. A década

de 30 contrasta de forma marcante com a de 20 em termos de crescimento industrial. Os índices de produto físico mostram que nos anos 30 (1930/39) a produção industrial real cresceu a uma taxa de 10,4% ao ano para o Brasil como um todo, enquanto na década de 20 (1920/29) este crescimento foi de apenas 2,8% ao ano. Na década de 30 a expansão do setor têxtil foi ligeiramente superior à taxa de crescimento industrial, enquanto nos anos 20 foi registrada uma taxa negativa de crescimento.<sup>8</sup> Assim, a mudança ocorrida entre os dois censos em termos de produção têxtil regional discutida anteriormente deveu-se ao desempenho desse setor na década de 30.

Felizmente, as estatísticas industriais coletadas pela Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo referentes ao período 1928/37 fornecem uma visão bastante acurada do comportamento do produto na indústria paulista durante a fase da Grande Depressão.<sup>9</sup> A Tabela 3 mostra o perfil cíclico do comportamento encontrado no setor têxtil, a partir dos dados referentes a esse período. São claras as linhas gerais: a) registra-se um declínio acentuado no produto e no emprego após 1928; b) evidencia-se uma recuperação no produto físico (coluna 6) e no emprego (coluna 2) depois de 1930; c) em termos de taxa anual média de crescimento, o índice de produto físico cai vertiginosamente na razão de 15,7% ao ano de 1928 a 1930, recuperando-se então a uma taxa de 13,9% ao ano de 1930 a 1937, e o emprego cai no mesmo período na proporção de 16,7% ao ano e recupera-se na razão de 9% ao ano; e d) o tamanho médio da firma têxtil declina até 1930, crescendo daí em

<sup>8</sup> As taxas de crescimento derivam dos dados expressos em Villela e Suzigan, *op. cit.*, Apêndice Estatístico, Tabela XV, p. 431.

<sup>9</sup> A primeira tentativa de se recorrer a essa fonte de dados para estabelecer um modelo de crescimento industrial na década de 30 foi feita por Wilson Suzigan, *op. cit.*, pp. 89-111. A maior parte dessa análise foi posteriormente reproduzida no trabalho conjunto de Villela e Suzigan, *op. cit.*, Apêndice F, pp. 355-371, e este nosso estudo também se baseia naquele excelente trabalho pioneiro a fim de apresentar uma análise mais detalhada da indústria têxtil. Uma tentativa mais recente de se usar aquela fonte de dados pode ser encontrada em Eli Diniz Cerqueira e Renato Boschi, *op. cit.*, que oferecem uma visão rica sobre a formação de uma elite industrial durante os anos 30, mas, como será discutido adiante, tiram algumas conclusões divergentes sobre uma suposta concentração de mercado crescente para a indústria têxtil daquele período.

TABELA 3

*Indicadores selecionados da performance do setor têxtil no  
Estado de São Paulo — 1928/37*

Anos	Número de Firms	Emprego	Trabalhadores por Firma	Valor Nominal do Produto (Contos de Réis) <sup>a</sup>	Índice de Preços <sup>b</sup> (1928 = 100)	Índice do Produto Físico (1928 = 100)
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
1928	204	69.938	238	896.157	100,0	100
1929	399	49.109	123	720.681	92,2	80
1930	424	49.015	116	581.879	76,3	71
1932	436	61.267	141	590.728	82,0	96
1935	507	82.169	162	910.618	91,7	142
1936	542	86.192	159	954.674	98,0	155
1937	557	89.358	160	1.096.872	101,5	177

FONTES: Todos os dados foram tirados de *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* (Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Estatística, Indústria e Comércio), Vols. 1928/30, 1932 e 1935/37; a coluna 6 foi obtida de Wilson Suzigan, *op. cit.*, Quadro 7, p. 101.

<sup>a</sup> Um conto de réis é igual a um cruzeiro corrente (1981).

<sup>b</sup> O índice de preços foi obtido de Claudio Haddad, "Growth of Brazilian Real Output, 1900-1947", Tese de Ph.D. (Universidade de Chicago, 1974), Tabela 76.

diante até o final do período (coluna 3). Este perfil temporal da crise — recuperação e crescimento do setor têxtil em São Paulo — corresponde aos pontos de referência cíclicos, determinados pela literatura relevante, sobre a *performance* do setor industrial do País durante a década de 30, principalmente o declínio acentuado verificado de 1928 a 1930 e a recuperação e crescimento que vão até os últimos anos daquela década.<sup>10</sup> Particularmente importante, entretanto, é a alta taxa de recuperação no emprego observada a partir de 1930, desenvolvimento este da maior importância dentro do contexto da recuperação econômica da época. Esse comportamento cíclico demonstra que a recuperação industrial naquele momento deu-se de maneira muito mais rápida no Brasil do que em economias mais desenvolvidas ou maduras, que precisaram de muito mais tempo na década de 30 para se recuperarem de suas respectivas crises.

A Tabela 4 oferece-nos uma visão adicional do impacto da crise no início da década de 30. Já que os dados coletados na Secretaria

<sup>10</sup> Villela e Suzigan, *op. cit.*, Cap. VI.

TABELA 4

*Dados sobre o fechamento de fábricas no setor têxtil em São Paulo para anos selecionados — 1928/37*

A — Fábricas fechadas em relação ao total do setor têxtil e ao subsetor têxtil de algodão — anos selecionados

Anos	Total de Firms Têxteis Fechadas	Firms Fechadas como Porcentagem do Total de Firms	Firms Têxteis de Algodão Fechadas	(3)/(1)	Firms Têxteis de Algodão em Operação como Porcentagem do Total de Firms Têxteis em Operação
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1928	5	1,7	4	80	28
1929	22	5,5	15	68	27
1930	33	7,8	25	76	28
1932	11	2,5	5	45	26
1935	2	0,4	0	0	23
1936	5	0,9	1	20	22
1937	5	0,9	2	40	23

B — Capital registrado médio das firmas fechadas e em operação no setor têxtil paulista — anos selecionados

Anos	Capital Médio (Contos de Réis)	
	Firms Fechadas	Firms em Operação
1928	478	1.674
1929	2.567	1.514
1930	1.897	1.155
1932	1.240	1.068
1935	23	1.877
1936	872	1.699
1937	404	1.722

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

Estadual baseiam-se em firmas individuais, é possível determinar o número de empresas que foram obrigadas a fechar durante aquele período. Observou-se não só um declínio no produto real e no emprego nas firmas em operação durante os anos-chave da crise, como também viu-se um número crescente de encerramento definitivo das atividades, como pode ser visto na Tabela 4. Em 1929 e 1930 perto de 6 a 8% do total de empresas pertencentes ao setor têxtil encontravam-se fechadas (parte A, coluna 2), mas por volta de 1932 essa percentagem caíra substancialmente e já em 1935 era insignificante. Os dados também mostram que as firmas do subsetor têxtil do algodão foram responsáveis por um número excepcionalmente alto (60 a 80%) das falências ocorridas nos anos críticos de 1928/32 (parte A, coluna 4), embora respondessem apenas por 26 a 28% do total de empresas encontradas no setor têxtil como um todo. Presumivelmente, os artigos destinados ao consumo da população de baixo poder aquisitivo produzidos por esse subsetor sofreram uma queda de mercado relativamente mais significativa durante os anos de crise. Finalmente, a parte B corrobora a conclusão de que o número mais baixo de falências durante os anos de 1928, 1935, 1936 e 1937 representou um *turn-over* normal que, além disso, atingiu essencialmente pequenas firmas cujo capital social era consideravelmente menor do que a média existente naqueles anos para as firmas em operação. Por outro lado, os anos de crise não eram normais, quer em termos do número de firmas fechadas, quer em termos do tamanho médio das mesmas (no caso, grandes firmas). Durante aqueles anos (1929/30) o capital social médio das firmas fechadas estavam bem acima da média existente para o total de firmas ainda em operação. O mesmo ocorria no subsetor de algodão quando isoladamente considerado, onde o tamanho médio das firmas fechadas era também maior do que o verificado para aquelas ainda em operação durante os anos de crise (1929/32).

### 3.2 — *Performance econômica e características estruturais dos subsetores têxteis*

O padrão cíclico e a recuperação da indústria têxtil paulista, já discutidos com algum detalhe, encobrem comportamentos distintos

para os vários subsetores que a compõem. Nas Tabelas 5 e 6, que sumarizam a *performance* para os seis maiores subsetores da indústria têxtil no período,<sup>11</sup> várias características são dignas de menção. A parte A da Tabela 5 revela o padrão divergente de crescimento e recuperação para os diversos subsetores, ou seja, a Depressão, em resumo, não afetou todos os ramos de maneira uniforme. Durante a queda (1928/30), os produtos de algodão e malharia conheceram declínios significativos no emprego e na capacidade instalada, medida em H.P., muito acima do declínio médio do setor (16,3% para emprego e 1,8% para H.P.), em contraste com lã e produtos diversos, que continuaram a apresentar crescimento substancial, tomando-se como base esses indicadores. Durante o período de recuperação, todos os setores, exceto juta, revelaram taxas positivas de crescimento no emprego, com produtos de algodão e seda expandindo-se mais rapidamente que a média do setor (no caso da seda, este crescimento foi substancial, tanto em termos de emprego como de H.P.).

Indicações adicionais acerca deste padrão diverso de crescimento podem ser vistas na parte B da Tabela 5 através da distribuição do valor do produto. Deve-se ter em mente, neste caso, que os resultados apresentados refletem tanto as variações relativas do produto físico como as alterações de preços relativos entre setores, e neste sentido a leitura dos resultados deve ser feita juntamente com a parte A. Por exemplo, é claro que o marcado crescimento da participação relativa dos produtos de seda entre o fim dos anos 20 e 1936/37 deveu-se amplamente a um crescimento da capacidade produtiva e sua utilização (colunas 2 e 4 da parte A), o mesmo podendo ser dito com relação ao conjunto de produtos da categoria diversos. Em grande parte, a recuperação do subsetor de algodão, embora apenas mantivesse sua participação relativa no valor do produto,

<sup>11</sup> É difícil medir satisfatoriamente o crescimento na produção física dos vários subsetores têxteis, por duas razões: a) problemas de cobertura e classificação a este nível de desagregação impedem o cálculo de índices de quantidade; e b) alterações de preços relativos entre linhas de produto dificultam a utilização de dados de valor da produção deflacionados por um índice geral de preços. Nessas condições utilizamos apenas medidas indiretas e parciais para descrever o comportamento da produção por subsetores, como discutido no texto.

TABELA 5

*Taxas anuais de crescimento do emprego e H.P. e participação relativa de subsetores selecionados na indústria têxtil em São Paulo em períodos selecionados — 1928/37*

## A — Taxas de crescimento

Subsetores	Emprego		H.P. <sup>a</sup>	
	1928/30	1930/37	1928/30	1930/37
	(1)	(2)	(3)	(4)
Produtos de Algodão	-25,3	10,5	--4,6	6,5
Produtos de Lã	6,0	8,9	6,6	4,3
Produtos de Seda	1,6	15,1	12,7	24,0
Produtos de Juta	1,8	-4,4	6,2	-6,6
Malharia	-19,4	2,5	-19,1	-2,2
Diversos	29,9	8,6	9,9	6,9
Total	-16,3	9,0	-1,8	6,7

## B — Distribuição do valor do produto (em contos de réis correntes)

Subsetores	1928/29	1936/37
	(5)	(6)
Produtos de Algodão	44,7	44,2
Produtos de Lã	11,2	7,8
Produtos de Seda	16,0	23,2
Produtos de Juta	12,8	5,5
Malharia	10,6	7,0
Diversos	4,6	12,3
Total	100,0	100,0

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

<sup>a</sup> Os dados de H.P. excluem as fábricas fechadas em 1930.

pode ser atribuída a um crescimento substancial da produção física, em virtude dos resultados observados nas estatísticas de emprego e de H.P. O declínio na participação de produtos de juta, por outro lado, reflete uma queda na produção física, que está claramente associada às dificuldades da economia cafeeira nos anos 30. Malharia

representa outro caso onde a queda na sua participação relativa (de 10,6 para 7%) provavelmente reflete um declínio relativo da produção física frente ao desempenho de outros subsetores. Os produtos de lã, entretanto, parecem ser o único caso em que uma queda de seus preços relativos resulta num substancial declínio na participação no valor do produto. Esta observação resulta do desempenho positivo no que tange a emprego e H.P., ao mesmo tempo que se observa uma queda apreciável na distribuição do valor da produção. Em resumo, dois subsetores revelaram rápido crescimento em suas respectivas participações (seda e diversos), e em ambos os casos isto foi largamente devido ao crescimento no emprego e no produto físico. Três subsetores experimentaram quedas nas suas participações, e em dois casos (juta e, em menor grau, malharia) este resultado parece refletir o declínio ou a estagnação no produto físico. O sub-setor mais importante — algodão — manteve sua participação relativa através de um crescimento substancial no emprego.

Tendo em mente este padrão de crescimento entre subsetores, é útil determinar os diferenciais de escala entre eles, o que pode ser feito com os dados da parte A da Tabela 6, onde apresentam-se o número médio de trabalhadores por firma e sua evolução no período. Três subsetores destacam-se como sendo compostos de firmas relativamente grandes (algodão, juta e lã), enquanto os outros três (seda, malharia e diversos) baseiam-se em firmas menores.<sup>12</sup> O tamanho médio das firmas reduz-se durante o período e, acima de tudo, há uma nítida convergência, retratada pela redução do desvio-padrão da distribuição de tamanho entre os subsetores. Na parte B, esta convergência é reforçada pelo comportamento ao longo do tempo do desvio-padrão do valor do produto por trabalhador e de H.P. por trabalhador, e em ambos os casos as quedas nos índices são substanciais.

Utilizando estes resultados em conjunto com aqueles da Tabela 5, pode-se chegar a algumas conclusões. Os dois únicos subsetores que apresentaram crescimentos sensíveis na participação relativa do valor do produto eram característicos da pequena empresa, ao mesmo tempo em que, dentre os três subsetores que experimentaram signi-

<sup>12</sup> Evidentemente, os conceitos de grande e pequeno são relativos à média do setor.

TABELA 6

*Diferenciais de escala, valor do produto por trabalhador e H.P. por trabalhador para anos selecionados por subsetores da indústria têxtil — 1928/37*

A — Indicadores de escala (número médio de trabalhador por firma)

Subsetores	1928/29 (1)	1930 (2)	1932 (3)	1936/37 (4)
Produtos de Algodão	390	217	334	423
Produtos de Lã	110	123	162	264
Produtos de Seda	106	90	89	78
Produtos de Juta	1.054	735	475	424
Malharia	47	34	36	50
Diversos	59	36	47	53
Total	174	109	140	159
Desvio-Padrão	393	268	177	179

B — Desvio-padrão de distribuição entre subsetores do valor do produto por trabalhador e H.P. por trabalhador

	1928	1929	1932	1936	1937
Valor do Produto por Trabalhador	13,34	9,64	10,42	4,19	5,08
H.P. por Trabalhador	0,53	0,56	0,56	0,33	0,36

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

ficativos declínios na participação relativa, dois eram típicos da grande empresa. Estes resultados e o padrão de convergência nos indicadores de escala, produto e H.P. por trabalhador sugerem que o crescimento das firmas pequenas teve um papel importante na recuperação da indústria têxtil na década de 30.

Dentro deste contexto, o subsetor de seda merece considerações adicionais. Duas características poderiam ser mencionadas: a) a importância do processo de substituição de importações no seu perfil de crescimento; e b) a complexa interação de firmas grandes e pequenas aí encontradas.

Os dados de importação confirmam a atividade substitutiva neste subsetor. A Tabela 7 mostra que os produtos de seda, em contraste

TABELA 7

*Produção física, valor médio anual por unidade de produto e importações de matérias-primas para produtos têxteis selecionados em São Paulo — 1935/37*

## A — Produção física (1.000 metros)

Produtos	Anos		
	1935	1936	1937
Produtos de Algodão	273.112	294.954	284.767
Produtos de Lã	4.192	4.201	4.386
Produtos de Seda	18.453	24.026	39.817

## B — Valor médio anual (mil-réis por metro)

Produtos	Anos		
	1935	1936	1937
Produtos de Algodão	1.387	1.364	1.420
Produtos de Lã	15.276	15.296	16.298
Produtos de Seda	7.601	5.450	4.390

## C — Valor das importações de matérias-primas (contos de réis)

Produtos	Anos	
	1936	1937
Produtos de Algodão	28.232	5.328
Produtos de Lã	18.217	19.001
Produtos de Seda	44.139	44.092

## D — Importações de matéria-prima como percentagem do valor total da produção

Produtos	Anos	
	1936	1937
Produtos de Algodão	6,4	1,1
Produtos de Lã	24,6	22,6
Produtos de Seda	33,2	25,0

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

com os de algodão e lã, experimentaram uma grande elevação na produção (parte A), simultaneamente a uma forte redução de preço (parte B). Ao mesmo tempo, os poucos dados disponíveis sobre importação de matérias-primas confirmaram que o subsetor de seda era aquele com maior margem para substituição de importação (parte C). Temos, assim, no início do período, um quadro caracterizado por altos preços e apreciáveis importações e, ao fim do mesmo, preços mais baixos com maior produção doméstica, resultados estes que valem, na verdade, para o setor têxtil brasileiro como um todo. Villela e Suzigan apontam que, dentre as indústrias tradicionais na década de 30, os têxteis foram os que mais cresceram na produção e, também, os que experimentaram maior queda nas importações<sup>13</sup> (nossos resultados mostram que os produtos de seda constituíram o caso mais extremo deste padrão).

A segunda característica deste processo é o papel desempenhado por firmas grandes e pequenas. Houve, no período, um crescimento substancial na produção de matéria-prima artificial (*rayon*) por um pequeno grupo de grandes firmas (Rhodiaceta, Nitroquímica e Matarazzo).<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, a crescente oferta de seda artificial (presumivelmente com custos mais baixos que os da seda natural ou daquela artificial anteriormente importada) propiciou um crescimento substancial no número e na expansão das pequenas firmas de malharia de seda, onde o emprego cresceu de algo como 4.000 para 10.000 trabalhadores entre 1930 e 1937, enquanto o número de empresas passou de 57 para 168.

### 3.3 — Crescimento e desconcentração do setor têxtil

A evidência anterior sugere claramente que o crescimento industrial e a recuperação econômica na década de 30 não foram caracterizados por concentração de mercado ou de capital. As Tabelas 8 e 9 confirmam essas características em São Paulo, através de dados sobre a concentração industrial a nível de firmas vistas individualmente,

<sup>13</sup> Villela e Suzigan, *op. cit.*, p. 214.

<sup>14</sup> As discussões mantidas com Wilson Cano foram muito úteis nesta questão.

construídos a partir de informações quanto ao nível de emprego e de capital social.

Utilizando-se índices-padrão de concentração para as quatro, oito e 12 maiores firmas da indústria têxtil como um todo, fica claro que ela tornou-se menos concentrada no pico da recuperação eco-

TABELA 8

*Índices de concentração, com base no emprego e no capital da indústria têxtil paulista para anos selecionados — 1928/37<sup>a</sup>*

A — Percentagem do emprego

Anos	Quatro Maiores Firmas	Oito Maiores Firmas	12 Maiores Firmas	Emprego Total
1928	22,1	34,2	42,5	69.938
1929	21,7	32,8	41,5	49.109
1930	23,6	34,6	43,0	49.615
1932	19,2	29,6	37,6	61.267
1935	18,5	28,3	34,9	82.169
1936	19,5	29,5	36,4	86.192
1937	21,1	30,4	37,5	89.358

B — Percentagem do estoque de capital

Anos	Quatro Maiores Firmas	Oito Maiores Firmas	12 Maiores Firmas	Capital Total Investido (Contos de Réis)
1928	27,1	46,0	49,9	489.811
1929	25,1	43,0	54,0	552.068
1930	29,4	43,5	53,6	430.026
1932	23,8	36,1	44,2	455.395
1935	27,7	42,3	50,6	954.469
1936	29,8	40,4	47,7	919.239
1937	22,6	36,0	44,0	960.067

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

\*As firmas aqui incluem todas as fábricas que pertencem à mesma corporação ou grupo familiar. O capital e a força de trabalho das firmas temporariamente fechadas não foram incluídos.

nômica verificada em meados da década de 30 em relação ao que era no período anterior (últimos anos da década de 20 e princípios da década de 30), o que se mantém para os dados relativos tanto ao emprego quanto ao capital social.<sup>15</sup> Além disso, este modelo de desconcentração parece ter sido substancial, confirmando nossas principais descobertas, que estabeleciam o crescimento mais rápido nos ramos de menor escala do setor têxtil.<sup>16</sup>

A Tabela 9 reorganiza os dados sobre emprego a fim de traçar o perfil cíclico de declínio e recuperação, verificado no período em estudo, para as diferentes categorias de tamanho de empresa. Dentre estas, foram as quatro maiores empresas as que apresentaram a taxa mais baixa de redução no emprego, o que sugere uma posição ligeiramente mais forte para resistir à crise econômica do final da década de 20 e início da de 30. Entretanto, as taxas de declínio foram, no geral, uniformemente altas para todas as categorias. O contraste marcante, porém, surgirá durante o período de recuperação econômica, quando todas as categorias de maior escala crescerão em relação ao fator emprego com menor rapidez do que as demais empresas na indústria.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Estimamos também índices, não mostrados aqui para as quatro, oito e 12 maiores firmas com respeito a H. P. Mais uma vez, uma relativa desconcentração é sugerida pelos dados.

<sup>16</sup> É interessante notar que, ao ocorrer o primeiro deslocamento importante da indústria têxtil, transferindo-se do Rio de Janeiro para São Paulo, houve também um movimento de desconcentração semelhante ao descrito aqui em relação aos anos 30. Os dados disponíveis mostram que entre 1905 e 1919 as 10 maiores empresas têxteis de algodão tiveram sua participação no emprego reduzida de 33 para 19%, enquanto os referentes aos teares mostram que houve uma redução de 42 para 28%. (Esta informação foi-nos transmitida por Flávio Versiani, em correspondência particular.)

<sup>17</sup> Poder-se-ia criticar nossas evidências quanto à desconcentração, expressas nas Tabelas 8 e 9, com o argumento de que a indústria têxtil é suficientemente vasta para incluir algumas atividades não competitivas, como, por exemplo, os produtos de juta, que não competem com os de seda ou algodão. Em vista disso, recalculamos os índices de concentração excluindo juta e certos segmentos do ramo diversos, e mesmo assim as evidências acerca da desconcentração permaneceram. Por outro lado, poder-se-ia argumentar que os subsetores remanescentes incluem produtos diferenciados (como algodão e seda) com distintas *performances* de crescimento na década de 30, mas com pequena desconcentração

TABELA 9

*Taxas de crescimento do emprego na indústria têxtil paulista, por tamanho de firmas, para períodos selecionados — 1928/37*

Tamanho de Firmas	Força de Trabalho			Taxas de Crescimento	
	1928 (1)	1930 (2)	1937 (3)	1928/30 (4)	1930/37 (5)
1) Quatro Maiores (1-4)	15.473	11.562	18.894	-13,6	7,3
2) Próximas Quatro Maiores (5-8)	8.423	5.379	8.238	-20,9	6,3
3) Próximas Quatro Maiores (9-12)	5.807	4.112	6.362	-15,9	6,4
4) 12 Maiores (1-12)	29.703	21.053	33.494	-15,8	6,8
5) Firmas Restantes (13+)	40.235	27.962	55.864	-16,6	10,4
Total da Força de Trabalho	69.938	49.015	89.358	-16,3	9,0

FONTES: As mesmas da Tabela 3.

Esta *performance* de empregos é importante e merece alguns comentários ao julgarmos o modelo de recuperação industrial dos anos 30, pois foi nesse período que se verificou a mais alta taxa de crescimento no emprego industrial a ser registrado em qualquer uma das etapas do crescimento industrial do Brasil no século XX. De 1930 a 1937, o total de empregos industriais, verificados em São Paulo, cresceu a uma taxa anual de 10,9%, enquanto o emprego no setor têxtil paulista praticamente atingiu 9% ao ano durante aque-

dentro dos subsetores, e neste sentido os resultados seriam enganosos. Embora de fato alguns subsetores (como o algodão) não mostrem grande desconcentração quando individualmente considerados, é preciso ter em mente que os processos de concentração ou desconcentração usualmente ocorrem através da diferenciação de produto, como foi o caso do crescimento da produção de seda. Em outras palavras, estamos estudando um processo real de desconcentração entre subsetores de produtos competitivos através da diferenciação de produto. Portanto, os resultados das Tabelas 8 e 9 efetivamente permanecem.

les sete anos. Mais do que isso, o setor foi também responsável por cerca de 1/3 do crescimento global de emprego registrado no Estado durante o período em estudo.

A elasticidade total do emprego com relação ao produto nas indústrias praticamente chegou a 1 no Brasil e em São Paulo durante os anos 30, ou seja, um aumento de 1% na produção levava a um aumento percentual equivalente em termos de emprego. É claro que isto foi devido, em parte, ao processo de recuperação econômica com capacidade ociosa inicial, que, todavia, iria contrastar de forma marcante com o crescimento da década de 50, quando uma estrutura de política econômica diferente enfatizou um modelo de crescimento industrial mais intensivo em capital, provocando, com isto, no período 1950/60, um declínio de emprego na indústria têxtil em números absolutos. É evidente que a proibição de importar equipamentos têxteis contribuiu para esse desenvolvimento intensivo em trabalho que se observou durante a recuperação econômica dos anos 30, pois comprometeu a possibilidade de implementação, neste setor, de uma tecnologia relativamente moderna de substituição de mão-de-obra. Embora a política adotada tenha levado a indústria têxtil a manter uma tecnologia ultrapassada, que a colocou em desvantagem competitiva nos anos que se seguiram à II Grande Guerra, ela proporcionou uma contribuição bastante relevante, mesmo que de forma não intencional, para aliviar o problema social mais premente da época, ou seja, a redução do desemprego e do subemprego. Além disso, foi muito importante o papel desempenhado neste sentido pelas empresas de pequena escala. É muito pouco provável que tal contribuição pudesse ter ocorrido numa estrutura de política econômica que promovesse a importação de equipamento para a substituição de mão-de-obra.

Resumindo, durante o período que vai do final da década de 20 até o final da seguinte, quer olhemos para o desenvolvimento de ramos ou subsetores, quer para os índices de concentração industrial, ou ainda para a trajetória de crescimento do emprego segundo o tamanho das empresas, concluímos que a maior indústria manufatureira (ou seja, a dos têxteis), no maior pólo industrial e de mais rápido crescimento do Brasil (isto é, São Paulo), estava experimen-

tando uma certa desconcentração de mercado em termos de capital, produção e emprego.<sup>18</sup>

Geralmente, espera-se que um rápido crescimento econômico leve a crescentes diferenciais intersetoriais de produtividade entre ramos de uma mesma indústria e, possivelmente, a um crescimento maior da produção e dos lucros para as grandes empresas de um determinado setor. Até mesmo na indústria têxtil, onde economias de escala técnica não são tão importantes quanto em outros setores, as empresas maiores podem gozar de vantagens financeiras que provavelmente terão uma importância fundamental num país que não possui mercados de capitais bem desenvolvidos. Isto, é claro, poderia levar a uma estrutura de mercado mais concentrada. Em grande parte, é este o modelo que vai caracterizar o desenvolvimento industrial brasileiro no período de substituição de importações que ocorreria após 1950. Aparentemente, a desconcentração aqui verificada surgiu a partir de modificações na estrutura de oferta e demanda para a indústria têxtil durante os anos 30. No caso do subsetor têxtil do algodão, Stein mostra que as firmas de pequeno porte diminuíram os preços de seus produtos de algodão voltados para o consumo popular, provocando um aumento de sua produção.<sup>19</sup> Essas quedas de preços foram possíveis graças a um declínio nos custos da matéria-prima e do trabalho. Ao mesmo tempo, no entanto, as

<sup>18</sup> Estas evidências sobre a desconcentração de mercado em termos de emprego e capital social diferem das conclusões encontradas no trabalho de Cerqueira e Boschi, *op. cit.*, que inferem uma ligeira tendência para a concentração. As razões de tal divergência decorrem das diferentes medidas de concentração. Enquanto a nossa medida foi feita com a utilização de um índice específico de concentração para empresas, comumente usado na literatura sobre organização industrial, Cerqueira e Boschi utilizaram três categorias de tamanho amplas e arbitrariamente definidas (firmas de pequeno, médio e grande portes), colocando aí todas as firmas de acordo com o emprego e o capital social. Para fins de análise da estrutura de mercado, comportamento e funcionamento, são mais apropriados os índices específicos de concentração de empresa do que as categorias abrangentes por eles utilizadas. Todavia, nossas evidências sobre a desconcentração não são necessariamente inconsistentes com suas conclusões sobre o fato de que as empresas têxteis de grande porte foram importantes no estabelecimento da base para o despontar de uma elite industrial no cenário econômico brasileiro daquela época.

<sup>19</sup> Stein, *op. cit.*, pp. 143-148.

grandes empresas desse subsetor localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo tentaram manter preços mais altos para seus produtos, daí resultando a queda da parcela que detinham nesse mercado e, conseqüentemente, o aumento da participação da pequena empresa.<sup>20</sup>

Finalmente, com a redução da competição estrangeira, os subsetores que experimentaram uma considerável substituição de importações durante o período em discussão (produtos de seda e, muito provavelmente, outras parcelas do subsetor “diversos”) puderam e conseguiram expandir-se na base do crescimento da pequena empresa. Ao menos no caso da seda, um poderoso efeito de queda nos preços reforçou o crescimento da demanda de mercado e do produto, como pode ser visto na Tabela 7.

Essas modificações na estrutura de oferta e demanda, juntamente com um crescimento significativo na demanda global de mercado após 1931/32 e uma crescente proteção dos mercados domésticos, aumentaram as possibilidades de desenvolvimento para as empresas menores. *Ceteris paribus*, quanto mais rápido é o crescimento na demanda de mercado, menores são as dificuldades para a expansão das pequenas firmas.<sup>21</sup> Se esses resultados referentes à indústria têxtil paulista ocorreram para a indústria como um todo, o modelo de industrialização dos anos 30 pode ser considerado como único, se comparado com os desenvolvimentos pós-1950, por ser tão capaz de absorver mão-de-obra e por se basear tanto na pequena empresa.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> Esta é uma conclusão comumente encontrada na literatura sobre organização industrial. Ver M. C. Sawyer, “Concentration in British Manufacturing Industry”, in *Oxford Economic Papers*, vol. 23, n.º 3 (novembro de 1971), pp. 352-383; e F. M. Scherer, *Industrial Market Structure and Economic Performance* (Rand MacNally, 1970).

<sup>22</sup> Um fator adicional que contribuiu para a rápida recuperação do setor têxtil naquela época foi o grande aumento, a partir do final da década de 20, na oferta do algodão, que tornou-se a lavoura com o maior valor de produção e a segunda maior área cultivada ao final da década de 30 no Brasil (ver Villela e Suzigan, *op. cit.*, pp. 189-191). Este rápido aumento da produção algodoeira evidentemente permitiu o barateamento da matéria-prima, que não teria sido possível de outra forma, principalmente se houvesse a necessidade de importar tal produto. Além disso, este aumento na oferta de matéria-prima foi vantajoso para todas as empresas, independentemente de seu tamanho, e não um desenvolvimento que pudesse ser capitalizado apenas pelas grandes firmas.

#### 4 — Conclusões

O padrão de crescimento da indústria têxtil paulista deveu-se, naquela época, a diversos fatores. Primeiro, não havia nenhum diferencial tecnológico marcante entre os diversos ramos da indústria, o que levaria a crescentes diferenciais de produtividade. Grande escala não significa necessariamente modernidade. Na verdade, em muitas dessas firmas os equipamentos apresentavam-se em diferentes graus de obsolescência, o que anulava a vantagem comparativa do tamanho. Villela e Suzigan destacam, nos dados censitários e nas estatísticas industriais existentes para São Paulo em 1940, que, no subsetor têxtil do algodão, menos de 3% das 130.000 máquinas tinham menos que 10 anos de uso e, no subsetor dos produtos de lã, menos de 15% do equipamento tinha menos que 10 anos. Embora os produtos têxteis tenham experimentado um aumento na exportação durante os anos de guerra, não lhes foi possível competir, devido ao seu equipamento obsoleto, com o produto estrangeiro no mercado internacional ao final do conflito.<sup>23</sup> Em segundo lugar, o fato de a industrialização voltar-se para a área de bens de consumo não-duráveis significava que se estava lidando com um meio tecnológico relativamente obsoleto, comparado com as inovações tecnológicas e as rápidas transformações típicas da produção de bens de capital e de consumo duráveis. Em terceiro lugar, devido à falta de uma economia de escala representativa (ou ao menos de economias de escala técnica que criassem diferenciais de produtividade suficientes para gerar um domínio de mercado), as empresas de pequeno e médio portes realmente puderam competir e prosperar a partir do reinvestimento dos lucros retidos. Não havia nenhuma vantagem aparente em promover fusões de empresas de forma a criar uma empresa maior para ganhar uma posição competitiva segura no mercado. Em quarto lugar, com o forte aumento da demanda, tornaram-se evidentes os incentivos e as perspectivas para a expansão da pequena empresa, principalmente ao se levar em conta as modificações na estrutura da demanda. Em quinto lugar, a política governamental e as condições econômicas beneficiaram o crescimento da pequena empresa. O aumento das tarifas em 1929, a crescente

<sup>23</sup> Villela e Suzigan, *op. cit.*, p. 213.

desvalorização da taxa cambial e o racionamento de divisas através do controle cambial durante o período da Depressão (a fim de corrigir o desequilíbrio do balanço de pagamentos) conseguiram proporcionar uma proteção significativa contra os produtos importados. E o mais importante para a nossa discussão sobre a desconcentração foi a proibição feita à importação de maquinário e bens de capital para a indústria têxtil durante a década de 30 (devido ao excesso de capacidade no setor, que existia no início daquela década). Isto significa que era impossível tirar vantagens de qualquer avanço tecnológico de origem estrangeira. Ao se gerar uma tecnologia mais obsoleta ou antiquada, a taxa de absorção de mão-de-obra foi muito mais alta do que teria sido possível de outra maneira, contribuindo desta forma para diminuir substancialmente o nível de desemprego.<sup>24</sup> Finalmente, a ausência de importantes investimentos estrangeiros diretos no setor significou que os produtores locais ficaram livres para competir entre si, ignorando a ameaça de desnacionalização com a entrada de novos competidores estrangeiros.

Resumindo, o crescimento da indústria têxtil paulista na década de 30 gerou uma estrutura de mercado menos concentrada. Em parte, isto ocorreu devido à natureza simples da própria tecnologia existente para os bens não-duráveis, à ausência de uma competição estrangeira significativa através da importação ou do investimento direto, ao crescimento e aos ajustes na estrutura da demanda gerada de forma não intencional pela política expansionista e ao impacto protetor da política governamental para o comércio, bem como à taxa cambial em vigor durante a Depressão.

<sup>24</sup> Está implícito em nosso argumento que o crescimento industrial na década de 30, em boa parte baseado na pequena empresa, apoiou-se na utilização de maquinário de segunda mão ou, pelo menos, em tecnologia pouco sofisticada. Discutindo o tema, Flávio Versiani sugeriu uma perspectiva completamente diversa, qual seja, a possibilidade de que algumas pequenas e médias firmas teriam investido em equipamento novo durante a década de 20 e, em consequência, adentraram os anos da Grande Depressão com vantagem tecnológica em relação às empresas maiores e mais antigas, daí advindo seu melhor desempenho no período analisado. É perfeitamente possível que ambos os processos, isto é, tanto aquele discutido no texto como o sugerido por Versiani, tenham coexistido durante a década, embora apenas resultados adicionais de pesquisa possam responder ao dilema.

O caso paulista sugere uma nota final sobre os *trade offs* associados ao planejamento econômico. O uso de uma política de comércio exterior, destinada primordialmente à obtenção de equilíbrio externo, serviu como meio de melhorar o equilíbrio interno durante os anos da Depressão, apesar de gerar certos custos ao lado dos benefícios. Estes últimos — grande aumento no emprego, desconcentração da produção e da indústria — são evidentes. No entanto, ao final da II Guerra Mundial a indústria têxtil brasileira apresentava claros sinais de obsolescência, daí advindo pesados encargos para a sociedade, sob a forma de preços altos para o consumidor e ineficiência industrial, já que a proteção aos produtos têxteis continuou a vigorar durante a década de 50. Temos aqui um exemplo bem claro de como os ganhos a curto prazo podem gerar custos econômicos a longo prazo, os quais não podem ser ignorados.

*(Originais recebidos em fevereiro de 1981.)*

